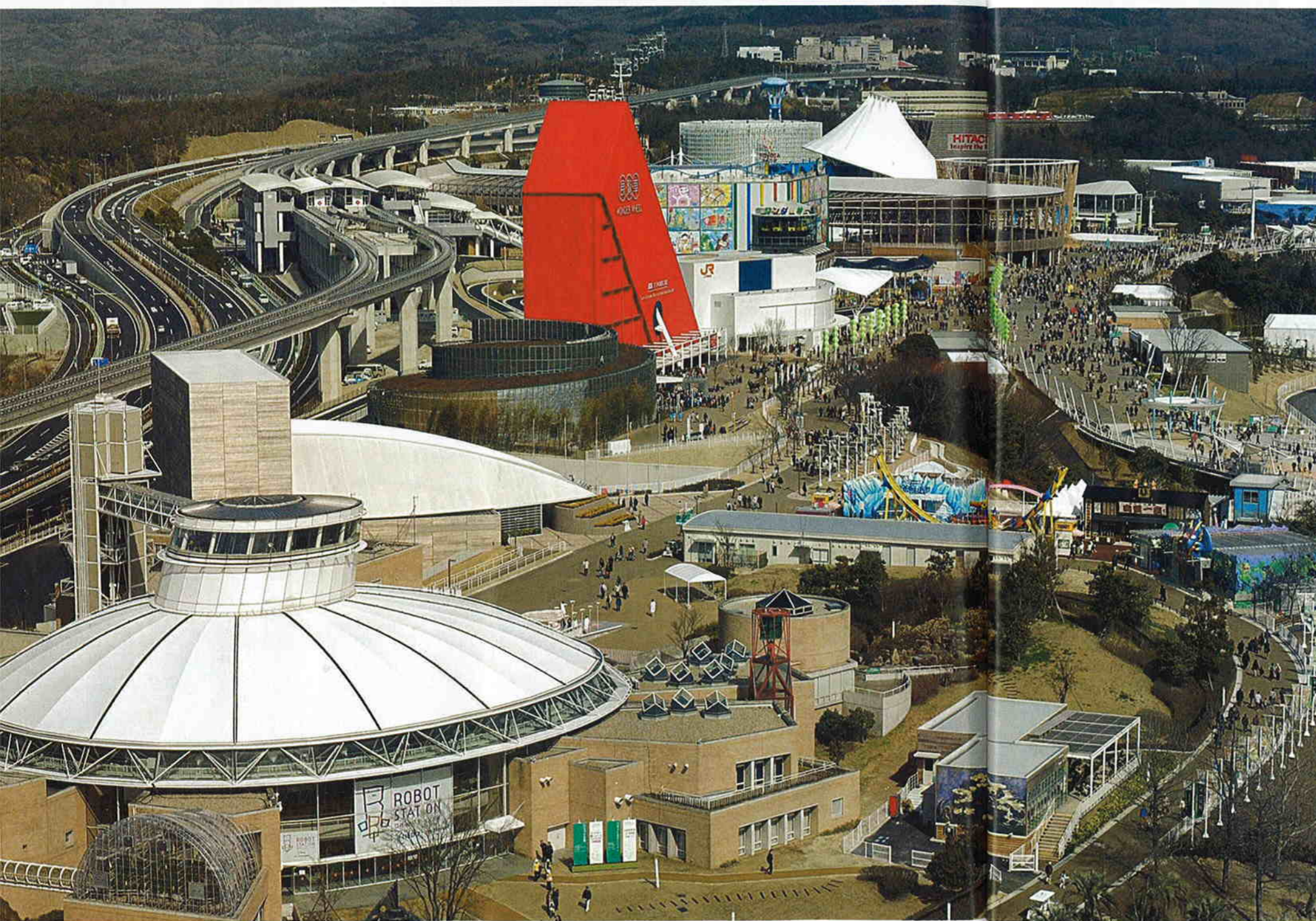


A expo do futuro

A «Sabedoria da Natureza» é o tema da Expo 2005 Aichi, que aposta nas tecnologias para salvar o mundo. É uma concepção muito particular do futuro



Mas diga lá, as crianças em Portugal, os seus filhos, por exemplo, conhecem os sobreiros? Sabem mesmo o que é a cortiça? Tadahiko Mori, o jornalista, abanava a cabeça e não queria acreditar que a resposta era «sim». Cortiça vem da árvore? O espanto de Mori é o espanto de um japonês. É difícil de acreditar.

Mas, se calhar, é por isso que o pavilhão português na grande «Expo-2005 Aichi Japão» (pronuncia-se A-í-chi), modesto como costumam ser as coisas portuguesas por esse mundo fora, tem tido êxito. A ideia é um «ovo de Colombo»: um enorme sobreiro com uma suspeita folhagem farfalhada ergue-se no meio da sala. Os blocos de cortiça foram cortados de uma árvore real, numerados e, depois, transportados até ao Japão, onde foram montados em torno de uma estrutura de metal. Não podia ser de outro modo. Uma árvore real não sobreviveria dentro



O sobreiro, árvore protegida, é o motivo central do pavilhão português na Expo-2005 que, no Dia da Criança, assinalado a 5 de Maio, acolheu dois mil jovens nipónicos



TOSHIKI SAWAGUCHI/EPA



TOSHIKI SAWAGUCHI/EPA



TOSHIKI SAWAGUCHI/EPA



TOSHIKI SAWAGUCHI/EPA

A orquestra de robôs faz a delícia dos japoneses, a par do «veículo do futuro», uma cadeira movida a electricidade

daquele cubo abafado e sem luz natural onde está instalado o pavilhão.

Com a ideia do sobreiro, os organizadores portugueses não conseguem transportar os milhares de japoneses que passam diariamente pelo pavilhão para o ambiente de uma planície alentejana. Mas motivam-nos à descoberta. E ensinam-lhes que se trata de uma árvore protegida (então, não?), cuja casca só pode ser cortada de nove em nove anos e da qual se faz muita coisa, até um quimono que ali está em exibição e que todos apalpm, desconfiados. Na verdade, quase trincam os pedaços expostos. Para muitos, cortiça é um produto artificial. Se calhar vem do petróleo!

Na próxima terça-feira, dia 24, vai ser dia de Portugal na Expo. O Presidente Jorge Sampaio, de visita ao Ja-

pão, estará no pavilhão a acolher os visitantes. Uma série de iniciativas, como um concerto e uma semana de gastronomia portuguesa, assinalarão a data. Os japoneses terão então ocasião de comer algo mais do que o pequeno «kit» de sucesso à venda no bar do pavilhão: uma caixinha com dois pastéis de bacalhau, dois rissóis e uma queijada. Humm, apesar de tudo, uma delícia que os japoneses devoram com regalo.

Mesmo em frente ao balcão do bar, está a bancada com pequenas lembranças. Diz o director do pavilhão, o engenheiro Eduardo Mira, no Japão há 25 anos, que o que «sai a sério» são os galos de Barcelos, em várias dimensões e diversas utilidades. É que este é o ano do Galo, segundo o calendário chinês, também aplicado no Japão.


Mas nem só de galos, rissóis e cortiça vive o pavilhão português na Expo de Aichi, dedicada oficialmente ao tema da «Sabedoria da Natureza» — e daí o sobreiro e os inesperados objectos à venda, tais como jóias feitas com prata reciclada das radiografias, bonecos de retalhos de tecidos usados, bolsas de tampas de canetas de feltro, entre outros. A história e as relações luso-japonesas marcam o percurso do pavilhão, cujas paredes vão buscar pinturas e reproduções que evocam os primeiros brancos que desembarcaram no país — e parece que não há japonês que o desconheça. A pergunta «sabia que os portugueses...?» é sacramental depois do primeiro aperto de mão.

O «toque histórico» da concepção

Os portugueses no Japão são identificados com a História — os primeiros brancos a chegar ao Oriente, que desbravaram os mares e lhes doaram conhecimento; que levaram pereiras, oliveiras, figueiras, pessegueiros e marmeleiros e trouxeram camélias (ou japoneiras); que

lhes ensinaram uma religião (católica) e técnicas médicas e militares (primeira arma de fogo, a teppo, foi levada pelos portugueses), introduzindo-os num novo mundo. Desta presença ficaram marcas indeléveis: mais de 300 palavras japonesas são reconhecidamente deriva-

das do português. E, se todos sabem que o conhecido arigato é a evolução do português obrigado, interessante é verificar que praticamente todas as palavras que têm a ver com espírito e religião (cristã, pois claro), têm origem portuguesa: jabo (diabo), jizosu (Jesus), misa

(missa) ou bauchismo (baptismo), entre dezenas de outras. Mas também meses, dias de semana (kuaruta-quarta, shaneiro-Janeiro, setenhor-Setembro) e objectos triviais (kappa-capa, sabon-sabão, jitan-calças, do velho gibão) ou alimentos (manteika-manteiga, pan-pão). 



FRANCK ROBIKHO/EPA

do pavilhão quase colide com o tom geral ecológico-futurista. A exposição é uma exaltação a um destino entre máquinas e bom ambiente. «A tecnologia é a chave para encontrar as respostas», proclama o lema da Expo, a propósito de um mundo mais compatível com o ambiente e menos destrutivo da natureza.

Devido a esta particular concepção do futuro, não faltam os robôs animados, que cantam e tocam trompete e bateria, como a pequena orquestra montada pela Toyota, um espectáculo com um tempo de reserva de três meses e longas horas de fila. Mas não é exactamente arrebatadora a exibição do «veículo do futuro», uma espécie de cadeira que se ergue, movida a electricidade e algo fálca. É apresentada pelos seus autores como

a solução ecológica para os problemas do congestionamento de trânsito. De caminho incentivam-se potenciais compradores a interessarem-se pelos mais recentes modelos dos chamados «carros híbridos», que usam electricidade e gasolina. Afinal, ecologia também é negócio.

Os pavilhões foram convidados a mostrar novas técnicas «amigas do ambiente». Parte da energia é produzida a partir do lixo dos restaurantes e o sistema de transportes é movido a electricidade.

A verdade é que os japoneses estão inquietos com as perspectivas ambientais, que o hiperdesenvolvimento do vizinho chinês torna ainda mais sombrias. Num encontro de jornalistas europeus e asiáticos que se realizou em Abril, em Nagoya,

O pavilhão francês projecta imagens em seis direcções, tentando responder à pergunta: «Há futuro no futuro?»

perto de Aichi, o vice-ministro japonês do Ambiente anunciou que o Governo planeia introduzir um «imposto verde», a que a maioria da população se mostra favorável. No Verão passado, relatava ele, foram registadas temperaturas recorde, com 70 dias acima dos 30 graus. Também o número e escala dos tufões aumenta de forma alarmante.

Na Ásia, de modo geral, a situação não é melhor: o Bangladesh pode ir para a guerra porque lhe falta a água, enquanto a Indonésia vai perder 20% das suas ilhas porque ela sobe demais. A linha vermelha do planeta está quase a ser cruzada... Aichi também é um apelo. 